

TERMINOLOGIA CULTURAL DA AMAZÔNIA PARAENSE: AS EXPERIÊNCIAS DOS MUNICÍPIOS DE ALTAMIRA E DE CAMETÁ

Débora Cristina do Nascimento FERREIRA* (Universidade Federal do Pará)

Maria Odaisa Espinheiro de OLIVEIRA** (Universidade Federal do Pará)

ABSTRACT: Since 1998, the project RESNAPAP has developed research on cultural terminology concerning Paraense Amazonian narratives. This paper presents the processes of identification, documentation and some results the research of the cultural terminology by narratives from Altamira and Cametá cities.

KEYWORDS: Cultural terminology, Altamira, Cametá.

1. INTRODUÇÃO

O plano de trabalho, intitulado “Estudo de Termos Culturais das Áreas de Altamira e de Cametá” - vinculado ao projeto RESNAPAP (A Representação Simbólica das Narrativas Populares da Amazônia Paraense como Linguagem de Informação), financiado pelo CNPq, desenvolveu, no período de agosto de 2002 a julho de 2003, pesquisas (de caráter teórico e prático) relacionadas à questão da terminologia cultural, presente em *narrativas* dos municípios de Altamira e de Cametá que compõem o acervo do projeto IFNOPAP (O Imaginário nas Formas Narrativas Oraís Populares da Amazônia Paraense). Este artigo tem como base os estudos realizados no acima referido plano de trabalho.

2. TERMINOLOGIA: BREVE HISTÓRICO

A terminologia moderna cuja paternidade é atribuída ao austríaco Eugênio Wüster (1898-1977). Ela aparece em 1931, quando esse engenheiro, industrial e professor apresenta, na Universidade de Stuttgart (Alemanha), sua tese de doutorado, intitulada *Die internationale Sprachnormung in der Technik, besonders in der Elektronik* (A normalização internacional da terminologia técnica em eletrônica). Neste

trabalho, Wüster demonstra preocupações metodológicas e normativas, expõe os princípios que devem presidir os trabalhos relativos ao estudo dos termos e esboça as grandes linhas da metodologia referente aos bancos de dados terminológicos (ALVES, 2003).

Reconhecidamente, deve-se a Eugênio Wüster a explicitação dos primeiros princípios de tratamento dos léxicos especializados. Suas proposições vieram a constituir o que se convencionou chamar de Teoria Geral da Terminologia (TGT). Mas apesar desse estatuto, o corpo teórico fundador da terminologia corresponde melhor aos princípios de uma disciplina, cuja vocação está associada à missão de controlar e harmonizar os usos terminológicos em nível mundial, conforme preconiza a Escola de Viena, assumindo, portanto, uma posição de natureza prescritiva e normalizadora, em detrimento a uma apreensão relacionada aos modos de funcionamento dos léxicos terminológicos.

Contudo, é importante rememorar que Wüster, embora engenheiro, não deixou de reconhecer a face lingüística da terminologia. Tanto que, além da ciência da linguagem integrar a interdisciplinaridade concebida para esse campo de conhecimento, o autor, também, o considerou como sendo um ramo da Lingüística Aplicada.

Todavia, Sager (1993, apud Krieger 2000) observa que, dez anos depois de Wüster, os primeiros terminólogos registravam somente o uso aceito ou aprovado de um termo, o que correspondia a algo como uma forma recomendada. Não obstante as acuradas discussões sobre os mecanismos do léxico terminológico, a teoria clássica não pôde ampliar seu poder explicativo, embora tenha podido consolidar orientações metodológicas importantes e necessárias à produção terminográfica.

Krieger (2000) lembra que, na década de 80, Alain Rey, de forma pioneira, introduz um pensamento fundamental, ao asseverar que: Na origem das reflexões sobre o nome e a denominação, base da terminologia, encontra-se toda uma reflexão sobre a linguagem e o sentido". (REY,1979: 3, apud Krieger 2000).

A particularidade do pensamento inovador de Alain Rey está na proposição de abordar a produção terminológica à luz de um ponto de vista descritivo. Nesta concepção, tratar de terminologia técnico-científica é também tratar de uma questão de linguagem e não de um constructo ideal e homogêneo à serviço de uma comunicação restrita ao âmbito de especialistas, isento de polissemia e de ambigüidades conceituais.

Todavia, será apenas na década de 90 que estudos fundamentados na complexidade envolvida no funcionamento das terminologias são intensificados e reconhecidos como tão relevantes quanto os dedicados a línguas naturais. Contribuem, para essa mudança de destaque, investigações de lingüistas (em especial de sociolingüistas - **autores**), bem como de pesquisadores de formação filosófica e tradutológica (**autores**). Tais estudos têm produzido comentários críticos importantes à insuficiência da Teoria Geral da Terminologia, relativamente à explicação oferecida sobre o funcionamento dos léxicos temáticos. Busca-se redimensionar os estudos terminológicos clássicos, com a formulação de proposições voltadas aos aspectos lingüísticos e pragmáticos dos termos.

3. TERMINOLOGIA CULTURAL: O QUE É?

Desde de 1998, o projeto RESNAPAP, criado e coordenado pela professora Profa. Dra. Maria Odaisa Espinheiro de Oliveira, vem desenvolvendo, numa iniciativa pioneira, pesquisas referentes à terminologia cultural. Os trabalhos compreendem a documentação dos chamados termos culturais presentes nas narrativas provenientes de municípios amazônicos. Assim, no âmbito do referido projeto, estes termos são concebidos como símbolos lingüísticos do universo sócio-cultural do falante da Amazônia paraense, elucidados no discurso oral popular, ou seja, a unidade lexical terminológica é concebida tanto como elemento constitutivo da produção do saber, quanto como recurso de expressão lingüística de fim comunicacional e pragmático.

Essa pesquisa contribui não só para o avanço dos estudos em oralidade, mas também promove um trabalho em que ocorre “uma concretização nos estudos e aplicações que levam em consideração a inter-relação dos léxicos terminológicos com os contextos comunicativos em que se materializam” (KRIEGER, 2000). Essa concretização é preconizada por Maria Tereza Cabré como:

Tanto o conhecimento especializado, quanto os textos especializados, como as unidades terminológicas podem ocorrer em diferentes níveis de especialização e serem descritas em diferentes níveis de representação. Só assim a terminologia do desejo passa a ser a terminologia da realidade

(CABRÉ, 1999; 126, *apud* KRIEGER, 2000)

Trata-se, pois, de um estudo que apreende o léxico - “face mais nítida da dinâmica cultural” (LOBO 1999, p.77) - em seus universos social, cultural e geográfico porque o lugar a partir do qual falamos tem um papel fundamental na determinação daquilo que dizemos. Seguindo Bourdieu (-----), podemos dizer que grupos sociais diferentes desenvolvem processos de socialização igualmente diferentes, gerando, portanto, *habitus* cultural e *habitus* lingüístico próprio a cada grupo. Em outras palavras: modos diferentes de agir, perceber, pensar ou sentir são instituídos a partir da maneira de se interagir com a língua – maneira, esta, determinada por condições reais de existência. Entende-se, dessa forma, que códigos verbais diferentes refletem modos diferentes de conhecer uma realidade. Para Oliveira e Isquardo:

O universo lexical de um grupo sintetiza a sua maneira de ver a realidade e a forma como seus membros estruturam o mundo que os rodeia e designam as diferentes esferas do conhecimento. Assim, na medida em que o léxico recorta realidades do mundo, define, também fatos de cultura.

(OLIVEIRA; ISQUERDO, 2001: 09)

Num sentido bakhtiniano, o termo cultural não é apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento dessa realidade. O signo é produto e ao mesmo tempo parte atuante da sociedade, o que possibilita a permanente atualização do homem e da língua. (BAKHTIN, 1995).

Dessa maneira, a relevância desta pesquisa reside, sobretudo, na investigação das formas terminológicas de Altamira e de Cameté que incorporam informações de *habitus* lingüístico (o que possibilita observar o fenômeno da formação de palavras no texto oral, dados acerca da etimologia dos vocábulos, homonímia, sinonímia, paronímia, polissemia etc.) e de *habitus* antropológico (o que permite conhecer aspectos da cultura material - utensílios de trabalho e domésticos, arquitetura, culinária e outros - e da cultura não material – o universo encantado de mitos e lendas e outros. Isso é possível porque “uma

sociedade não se distingue das formas de comunicação que ela torna possíveis e que a tornam possível” (MAINGUENEAU, 2002, p. 72).

4. TERMINOLOGIA CULTURAL: COMO SE FAZ?

I etapa:

Consiste na assimilação da noção de termo cultural, compreende o levantamento de material teórico para estudo introdutório da teoria do termo cultural. Leitura de textos teóricos sobre terminologia (Cabré, Faulstich, Boulanger, Krieger) **DATAS**, concomitantemente a de textos elementares de lingüística;

II etapa:

Leitura das narrativas de Cameté e de Altamira;

III etapa:

Identificação e seleção dos termos culturais. Vale citar alguns dos critérios de seleção:

- Devem ser registradas somente palavras lexicais, aquelas que apresentam significado lexical, no dizer de (Borba, 2003: 46) são a “representação da realidade extralingüística”. Estão agrupadas nas seguintes categorias: substantivo, adjetivo, verbo.

- Os termos e expressões devem ser selecionados caso sejam designativos da região, o seja, diz respeito ao conhecimento que a sociedade tem da realidade e à maneira como o expressam ou caracterizam traços sociais, culturais e naturais: fauna, flora, instrumento de trabalho, utensílios do cotidiano, doenças, culinária, medicina popular, danças, arquitetura, atividades de trabalho remunerado e não remunerada, ambiente de trabalho, bebida, assombração, etnia, meio de transporte, mito, lenda, crenças, terra,

vestimenta, natureza e *habitat*, religião, adornos, tipos de música, artesanato, atividades do cotidiano.

- Devem ser registradas as expressões caracterizadas como uma lexia complexa – uma gama de soldadura entre os elementos componentes de uma seqüência lingüística; com um forte índice de coesão interna. Vale lembrar que essas expressões no geral são registradas nos dicionários tradicionais, no fim dos verbetes dos vocábulos que os constituem tal como expressão (BORBA, 2003: 140)

IV etapa:

Transcrição do termo /contexto para ficha terminológica padrão com os seguintes campos: termo, categoria gramatical, gênero, sinonímia, variação gráfica, definição, fonte da definição, contexto da narrativa, nome da narrativa, fonte da narrativa, informante, pesquisador.

V etapa:

Descrição do termo com as características lingüísticas próprias do contexto, observando-se as variantes de uso. Procurou-se definir efetivamente os conceitos das palavras analisadas, em lugar de lançar mão da prática da simples sinonimização, que resulta muitas vezes em vagas inexatidões, uma vez que os vocábulos escolhidos como sinônimos pelos dicionários de maior porte, os quais utilizam tal prática freqüentemente, comportam mais de um sentido, prejudicando com isso o processo de decodificação.

Nota-se que foram adotados dois diferentes tipos de definição: a *definição referencial* (ou ostensiva) aquela que faz referência às características que o signo denota e a *definição semântica* (ou lógica) aquela que se faz por meio de signos que pertencem a uma metalíngua ou língua artificial. (DUBOIS, 1998).

Por outro lado, a afinidade entre a unidade terminológica, a definir o sinônimo escolhido, pode existir no plano da denotação, mas praticamente nunca no da conotação. Por tudo isso, embora algumas definições sejam expressões longas, procurou-se descrever os reais sentidos das palavras. É o caso, em especial dos termos das categorias mitos e danças.

Essa fundamentação põe em evidência o fato de que a confecção de obras lexicográficas monolingüísticas pressupõe certo bilingüismo

porque elas traduzem termos particulares (regionalismos, gírias) em palavras do vocabulário geral por intermédio de processos metalingüísticos originais.

Quanto à etimologia, sabe-se que a origem da maior parte das palavras da língua portuguesa é o latim. Contudo, no vocabulário do português brasileiro, percebe-se acréscimo lexical, proveniente das línguas dos povos africanos e indígenas que compõem a etnia da população brasileira. No Brasil, são faladas 180 línguas indígenas, sendo que 25, por povos que habitam na Amazônia Paraense. Logo, existem muitas palavras de origem indígena que constituem o vocabulário utilizado pelos falantes amazonidas. Em função disso, na medida do possível, foi incluída a etimologia dos termos de origem indígena.

5. RESULTADO

5.1. *Corpora* terminológicos

Como resultado da pesquisa efetivada no período de doze meses, temos um *corpus* da terminologia cultural de Cametá e outro de Altamira. Além das narrativas do IFNOPAP, na área de Cametá foi estudada uma narrativa de cunho oral popular, com 51 páginas densamente rica no âmbito lexical, concedida por um habitante dessa área que realizou a coleta do material. Dispõem-se, abaixo, as tabelas das narrativas e a respectiva quantidade de termos identificados, selecionados, definidos e classificados, bem como o número de informantes, de pesquisadores e de narrativas trabalhadas.

Tabela 1. Termo, narrativa, informante, pesquisador.

<i>Áreas</i>	<i>Informante</i>	<i>Pesquisador</i>	<i>Número de narrativas</i>	<i>Número de termos</i>
Altamira	32	03	64	307
Cametá	12	2	25	310

Fonte: Projeto RESNAPAP

5.2 Termos culturais de origem indígena

Quanto ao aspecto etimológico, apresenta-se nas tabelas a seguir, o número de termos de étimo indígena, agrupados em categorias de Assunto.

Tabela 2: Termos de origem indígena por categoria de assunto de Altamira.

<i>CATEGORIA DE ASSUNTO</i>	<i>NÚMERO DE TERMOS</i>
Arquitetura	02
Etnia	03
Fauna	08
Flora	05
Natureza e Habitat	01
Papel Social	01
Utensílio do Cotidiano	02
6 CATEGORIAS	22 TERMOS

Fonte: Projeto RESNAPAP

Tabela 3: Termos de Origem Indígena por Categoria de Assunto de Cametá.

<i>CATEGORIA DE ASSUNTO</i>	<i>NÚMERO DE TERMOS</i>
Arquitetura	01
Assombração	01
Culinária	03
Etnia	01
Fauna	06
Flora	06
Forma de dizer	03
Instrumento de trabalho	04
Mito	04
Natureza e habitat	03
Papel social	01

10 CATEGORIAS	30 TERMOS
---------------	-----------

Fonte: Projeto RESNAPAP

Os 22 termos de origem indígena de Altamira estão distribuídos em 6 categorias e representam 7,2% dos 307 termos. Os 30 termos de origem indígena de Cametá estão distribuídos em 10 categorias de assunto e representam 9,8% dos 310 termos. Esse resultado demonstra a contribuição indígena ao repertório léxico lingüístico do falante da Amazônia Paraense, mesmo que, de forma restrita.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento da pesquisa no âmbito da terminologia cultural, com narrativas provenientes de Altamira e de Cametá, impulsionou um relevante percurso teórico e prático. No que tange ao referencial teórico, tomou-se a Terminologia, ao lado de certas contribuições da Lingüística, seu referencial de apoio. Visto que a Terminologia pode ser entendida como um ponto de encontro entre Lingüística, Ciência da Informação, Lingüística Computacional, ela pode, até mesmo, ser concebida como um prolongamento temático da Lingüística Aplicada.

O entendimento da noção de “termo cultural” (sua contextualização como objeto de estudo) foi realizado de acordo com uma perspectiva atualizada da terminologia, a qual focaliza fatores sociais e pragmáticos. O termo é observado como veículo comunicacional, implicado na resolução de problemas de interação, posto que facilita o processo de decodificação no ato de leitura das narrativas. A unidade terminológica é também representativa do fator antropológico da região pois o vocabulário, símbolo verbal da cultura, permite que o conhecimento seja condensado, as informações processadas e a experiência acumulada transmitida e transformada. Enfim, a herança cultural é perpetuada através dos signos verbais.

NOTAS

* Graduanda do Curso de Letras da Universidade Federal do Pará; Bolsista PIBIC/CNPq.

** Professora do Departamento do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Pará; coordenadora do projeto RESNAPAP.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Ieda Maria. *A pesquisa em terminologia: algumas considerações*. Disponível em: http://sw.npd.ufc.br/abralin/boletim21_sum.html. Acesso em 24/10/03.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 9 ed. São Paulo: Hucitec, 1995. 196p. ISBN: 85-271-0041-X.

BORBA, Francisco da Silva. *Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia*. São Paulo: Unesp, 2003. 356p.

DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de Lingüística*. 10ed. São Paulo: Cultrix, 1998. 619p.

KRIEGER, Maria da Graça. Terminologia Revisitada. *Delta*, São Paulo, v.16, n.2, 2000. Disponível www.scielo.br/delta.htm

LOBO, Telma de Carvalho. Léxico: espelho da história de um povo. In SIMÕES, Maria do Socorro. *Narrativa Oral e Imaginário Amazônico* (org.). Belém: UFPA, 1999.p.77-82.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. Tradução de Cecília P. de Souza e Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2002. 238p. (Título original Analyser les textes de communication)

OLIVEIRA, Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. 2ed. Campo Grande, MS: UFMS, 2001.268p.

SOARES, Magda. Diversidade Lingüística e Pensamento. In MORTIMER, Eduardo Fleury. *Linguagem, cultura e cognição: reflexões para o ensino e a sala de aula*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.p.51-62.